

GUILA AZEVEDO

grávida aos 14 anos?

ilustrações

Fernanda Guedes

DIÁLOGO



editora scipione

Edição
Adilson Miguel

Editora assistente
Fabiana Miotto

Revisão
Paula Teixeira e
Thirza Bueno

Edição de arte
Marisa Iniesta Martin

Diagramação
Josias Silva

Programação visual de capa e miolo
Rex Design



editora scipione

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400
Freguesia do Ó
CEP 02909-900 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE
Tel.: 4003-3061

www.scipione.com.br
e-mail: atendimento@scipione.com.br

2012

ISBN 978-85-262-8113-4 – AL

ISBN 978-85-262-8114-1 – PR

Cód. do livro: CL: 737228

2.ª EDIÇÃO
2.ª impressão

Impressão e acabamento

Publicado pela primeira vez em 2001 sob a
responsabilidade editorial de Sâmia Rios.



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Azevedo, Guila

Grávida aos 14 anos? / Guila Azevedo;
ilustrações de Fernanda Guedes. – São Paulo:
Scipione, 2011. (Série Diálogo)

1. Ficção – Literatura infantojuvenil I. Guedes,
Fernanda. II. Título. III. Série.

10-13083

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura infantojuvenil 028.5
2. Ficção: Literatura juvenil 028.5

Um livro não é escrito apenas pelo autor. Há muitas pessoas, ocultas, que ajudam na sua construção. São aquelas que compartilham suas vivências conosco, contam suas experiências, leem os rascunhos e dão palpites, fornecem informações preciosas. Um livro, na verdade, é escrito por muitos. Quero agradecer a todos que me ajudaram.

À minha filha Gabriela, por suas sugestões de músicas, suas observações sempre pertinentes e o superestímulo.

Aos meus filhos Marcelo e Eduardo, por emprestarem seu olhar masculino e por suas valiosas observações.

À Ana Paula, pelo carinho com que leu os originais.

Ao Sérgio, pelo carinho enorme, pela leitura atenta e pelos palpites certos.

Às queridíssimas amigas Lídia e Ana Silvia, pelas longas conversas e emoções compartilhadas.

Ao Dr. Eduardo Galetta, chefe do Grupo de Gravidez na Adolescência do Hospital das Clínicas, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, pela sua disponibilidade para fornecer dados concretos de uma realidade preocupante.

À Dra. Delizete Spallicci, pelas preciosas dicas sobre sua realidade profissional.

À Fanny Abramovich, pelo muito que me ensinou, pelo carinho e incentivo.

À Telma Guimarães, por compartilhar experiências, pelas dicas e pelos palpites supervaliosos.

Este livro foi escrito para três mulheres guerreiras, com quem aprendi muito: Carmen, Patrícia e Audrey.

SUMÁRIO

Capítulo 1	8
Capítulo 2	16
Capítulo 3	24
Capítulo 4	28
Capítulo 5	34
Capítulo 6	38
Capítulo 7	41
Capítulo 8	49
Capítulo 9	55
Capítulo 10	60
Capítulo 11	66

Capítulo 12	71
Capítulo 13	73
Capítulo 14	77
Capítulo 15	80
Capítulo 16	84
Capítulo 17	85
Capítulo 18	87
Capítulo 19	89
Capítulo 20	92
Capítulo 21	95
Epílogo	99



Capítulo 1

Quando Ana abriu o diário para escrever, seu desespero transformou-se em lembranças. Lembrou-se de seu aniversário de 12 anos, quando sua mãe lhe deu um caderno novo com uma capa muito bonita:

– Pra que isso, mãe?

– Sei lá. Você há de descobrir alguma utilidade para esse caderno. Achei a capa tão bonita, essa cor de papel. Espero que você curta escrever nele.

– Você sempre foi ligada em cadernos, né, mãe? Lembra que você me contou que escrevia diários?

– Pois é. De vez em quando ainda escrevo uma coisa ou outra. Eu registrava ideias, sentimentos, acontecimentos importantes da minha vida. Fazia isso na sua idade e até hoje, quando leio o que escrevi, descubro umas coisas a meu respeito. Quer saber? É até divertido. Daqui a alguns anos você vai ler o que escreveu e vai ficar surpresa com tudo que pensou e viveu. Vai pensar no que valeu a pena e como chorou à toa. Enfim, achei que você ia gostar do caderno, não pensei em nada muito especial. Páginas em branco sempre oferecem muitas possibilidades.

A princípio, Ana usou o caderno para copiar frases que achava bonitas. Pensou que algum dia poderiam ser úteis. Depois, passou a copiar poemas e, no ano anterior, sem planejar, começou a registrar o que pensava, sentia e vivia.

Agora, diante da folha em branco, estava em dúvida se valeria a pena registrar seu medo e seu desespero. A solidão daquele momento fez com que decidisse escrever. O diário era um companheiro fiel, um excelente ouvinte e, além disso, às vezes, ao escrever, encontrava a solução para os seus problemas. Será que encontraria agora?

Colocou a data e começou a escrever.

Estou perdida. Não sei como contar pra minha mãe e pro Ricardo. Que desespero! Estou totalmente grávida. Não tenho nenhuma dúvida. Logo depois que transei, contei pra minha amiga Flávia. Ela me falou da tal pílula do dia seguinte e fomos até a farmácia. Fomos não, ela mandou a empregada dela ir até lá e comprar a pílula. Tomei e não aconteceu nada. Tive umas cólicas, mas nada além disso. Aí, foram passando os dias e, de fato, minha menstruação não veio. A minha menstruação nunca atrasou, sempre fui super-regulada, mas, como a de todo mundo atrasa, achei que finalmente eu tinha ficado mais normal. Além disso, podia ser que a pílula do dia seguinte tivesse esse efeito, sei lá.

Aí, passaram-se dez dias e depois mais quinze. A Flávia foi comigo comprar o *kit* da farmácia e fiz o teste. Grávida!!! O resultado berrou na minha cara.

Chorei muito e a Flávia ficou tentando me acalmar. Coitada. Ficou desesperada também. Como ficar calma? Como pensar em soluções? E tudo isso acontecendo na casa dela, porque não tive coragem de fazer o teste na minha. E se a minha mãe chegasse mais

cedo? E se o meu irmão quisesse saber o que estava rolando? Fui pra casa da Flávia porque os pais dela só voltam do trabalho à noite, mas eu sabia que teria de voltar pra minha casa.

Voltei. Tomei o ônibus e... voltei. A Flávia quis ir junto, mas não deixei. Pra quê? Eu teria de enfrentar tudo sozinha mesmo. Voltei com a sensação de um mergulho num poço escuro e fundo. Quer dizer, nunca mergulhei num poço, mas deve ser horrível.

Nem sei direito o que é gravidez. Nunca me interessei muito por isso. Na minha cabeça, era assunto pra mulheres mais velhas, casadas. Eu não tenho cara de mãe, sou muito jovem. Nem pensei que alguém pudesse engravidar na primeira vez que transasse. NA PRIMEIRA TRANSA!!! Nem vou falar sobre isso. Não quero lembrar. Quero sair desse poço. E logo!

Tarde seguinte

Estou andando feito um robô. O professor falando sobre o movimento abolicionista, e eu pensando num modo de ganhar a minha alforria. Como será que é fazer um aborto, quem faz, onde, quanto custa? A Flávia disse que a mãe dela já fez um aborto. Que ela iria investigar como é, onde a mãe fez. Nem perguntei mais nada sobre isso, por que a mãe tinha feito aborto ou quando. Será que a Flá vai conseguir alguma informação? A mãe dela vai ficar desconfiada. MEDO!

Continuo com medo e não sei bem do quê. Achei que o medo fosse diminuir. Que nada! Acho que não vou ter coragem de fazer aborto. Já ouvi cada história!... Mas grávida? No nono ano? Como será que é ir pra aula com barriga? É, porque até um ponto dá pra disfarçar, depois não tem jeito. Quando me dei conta, já estávamos